

**ANÁLISE DA FALA E DA ESCRITA DE SUJEITOS  
EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO SOB A PERSPECTIVA  
DA SOCIOLINGUÍSTICA**

*Ailton Soares Lopes* (UEMASUL)

[ailton.lopes@ifma.edu.br](mailto:ailton.lopes@ifma.edu.br)

*Alexandre da Silva Sousa* (UEMASUL)

[alexandre.sousa@uemasul.edu.br](mailto:alexandre.sousa@uemasul.edu.br)

*Márcia Suany Dias Cavalcante* (UEMASUL)

[marciasuany@uemasul.edu.br](mailto:marciasuany@uemasul.edu.br)

**RESUMO**

O cenário educacional brasileiro tem sofrido diversas transformações ao longo dos anos. Uma das principais é perceber que o aluno deve atuar como sujeito participante no processo de ensino e aprendizagem e que sua realidade não pode ser desconsiderada em seu protagonismo. Sobre isso, a Sociolinguística tem dado contribuições relevantes por promover reflexões, pesquisas e propostas acerca das variedades linguísticas em sala de aula a fim de resolver impasses relacionados às culturas linguísticas, no âmbito escolar, tão diversas e determinantes no desempenho dos discentes. Esta análise foi inspirada em algumas teorias estudadas na disciplina *Sociolinguística, Educação e Ensino* do programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), especialmente a teoria do Variacionismo. O objetivo deste artigo é analisar textos orais e escritos produzidos por dois alunos egressos do Ensino Médio para avaliar a presença de variações linguísticas, bem como classificá-las na tentativa de reforçar a ideia de que essas manifestações são naturais e a sua inserção em produções que exigem a norma culta da língua é mais uma questão de desvio quanto ao domínio social do que propriamente um erro linguístico, como atestam alguns teóricos. Para isso, são apresentadas, também, algumas noções consideradas fundamentais no estudo da Sociolinguística, seguidas de análise dos resultados obtidos.

**Palavras-chave:**

Língua. Sociolinguística. Variações linguísticas.

**ABSTRACT**

The Brazilian educational scenario has undergone several transformations over the years. To realize that the student must act as a participant in the teaching-learning process and that his reality cannot be disregarded in his role is one of the main of them. In this regard, Sociolinguistics has made relevant contributions by promoting reflections, research and proposals about linguistic varieties in the classroom in order to remove barriers related to linguistic cultures in the school environment, which are so diverse and decisive in the performance of students. This analysis was inspired by some theories studied in the discipline *Sociolinguistics, Education and Teaching* of the Postgraduate Program in Languages (PPGL) of the State University of the Tocantina Region of Maranhão (UEMASUL), especially the theory of Variationism. The purpose of

this article is to analyze oral and written texts produced by two High School graduates to assess the presence of linguistic variations, as well as classify them in an attempt to reinforce the idea that these changes are natural and that their insertion in productions that demand the cultured norm of language is more a matter of deviation in the social domain than a linguistic error, as some theorists attest. For that, some notions considered fundamental in the study of Sociolinguistics are also presented, as well as the analysis of the results obtained.

**Keywords:**

Language. Sociolinguistics. Linguistic variations.

### **1. Considerações iniciais**

A língua, assim como qualquer outro elemento da prática social, tem despertado interesse de estudiosos de diversas áreas ao longo do tempo. Por estar relacionada a aspectos cognitivos, históricos e culturais, configura-se como um complexo campo de estudo e, portanto, de divergências teóricas, acerca de seus fenômenos.

Considerando suas conexões com outros domínios, a língua apresenta-se como objeto de estudo de outros ramos da Linguística, ciência responsável pelo estudo da linguagem, a citar a Psicolinguística, a Etnolinguística e a Sociolinguística. Por razões claras, o presente trabalho molda-se a partir de pesquisas relacionadas à Sociolinguística, cuja pretensão é estudar a relação entre a linguagem e a sociedade. Além disso, é essa área específica que “busca desvendar o comportamento de fenômenos variáveis dentro da própria língua e fora dela, em seu contato com a sociedade” (COELHO, 2015, p. 8), tema que será abordado com mais precisão adiante, no contexto escolar.

Este trabalho é resultado de algumas reflexões realizadas ao longo da disciplina do curso “Sociolinguística, Educação e Ensino”, bem como da experiência obtida durante a aplicação do projeto “Texto dissertativo-argumentativo no ENEM: o que importa saber sobre o gênero em questão (teoria x prática)”. O referido projeto, cujo objetivo principal focou a preparação de alunos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), fora aplicado no segundo semestre de 2019, em uma escola da rede pública estadual de ensino, localizada na cidade de Açailândia-MA. Dos 65 discentes envolvidos, das turmas de 3º ano dos turnos vespertino e noturno, dois alunos dessa última foram selecionados, aleatoriamente, para o estudo aqui pretendido. Para isso, foram selecionados alguns textos produzidos por eles durante o projeto, cuja produção em nenhum momento esteve associada à presente análise.

A pesquisa é de caráter investigativo e envolve a análise de dois textos e um questionário semiestruturado dividido em duas partes: parte escrita, com quatro perguntas fechadas e cinco perguntas abertas, e parte oral, com três perguntas cujas respostas foram gravadas, totalizando cerca de pouco mais de três minutos de cada participante. Para a análise foram usados apenas alguns trechos das falas, considerados pertinentes e suficientes para a análise descritiva dos fenômenos linguísticos neles presentes. A justificativa para a decisão de analisar textos produzidos dentro do cotidiano escolar e, a partir deles tentar aplicar as teorias estudadas, encontra-se na ideia de que “a pesquisa da sociolinguística educacional precisa concentrar-se na linguagem usada em sala de aula” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 182), pois, embora ocorram situações concretas de choque entre as variedades em diversos domínios sociais, é no ambiente escolar que isso se manifesta de modo mais explícito.

A observação analítica dos textos e questionários aplicados delinham nesta pesquisa características fundamentais em seu desenvolvimento: dedutiva (quanto ao método), aplicada (quanto à natureza), exploratória, descritiva e explicativa (quantos aos objetivos), pesquisa participante (quanto ao procedimento técnico), quali-quantitativa (quanto à abordagem) e documental (quanto aos procedimentos). Entre os propósitos do presente trabalho, que visa fazer o levantamento e a classificação das variações linguísticas presentes em textos orais e escritos produzidos por dois estudantes da etapa final da educação básica, encontra-se a tentativa de contribuir para o ensino de língua portuguesa, por meio de reflexões acerca das variedades linguísticas em sala de aula com base no princípio de que “a variação é inerente à própria comunidade linguística” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 25) e, portanto, vez ou outra será manifestada em diversos domínios sociais, incluindo a escola.

Os padrões de análise das variações identificadas no objeto de análise foram inspirados em alguns apontados por Bortoni-Ricardo (2004; 2005) e as reflexões, feitas a partir dos pressupostos teóricos dessa perspectiva de análise dos fenômenos linguísticos em sala de aula, baseiam-se nos estudos realizados por Bagno (2001; 2009), Ferrarezi Jr. (2014), Coelho (2010; 2015), Magda Soares (2017), Bortoni-Ricardo; Rocha (2014), Marcushi (2001), entre outros. Vale ressaltar, também, que as variáveis sociais dos sujeitos participantes, como gênero, idade e grau de escolaridade não serão consideradas neste estudo, visto que não interferem em seu propósito, além do fato de ambos diferirem apenas em relação à primeira.

Este trabalho estrutura-se em seis partes principais, relacionadas ao tema principal, que o conduz: “variações linguísticas em sala de aula”. No primeiro momento, buscou-se apresentar algumas noções fundamentais sobre a Sociolinguística. Em seguida, vem o que aborda a Sociolinguística Variacionista. Na terceira parte, encontram-se algumas considerações sobre a escolha do objeto e dos sujeitos da pesquisa para, então, fazer a identificação e análise das variações. Na parte final, são abordadas as contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa, seguidas de proposta de atividade a ser desenvolvida por professores dessa disciplina.

## **2. *Noções fundamentais sobre a sociolinguística e sua relação com a fala e a escrita***

Embora alguns estudiosos, como Antoine Meillet (1866–1936), já observassem o caráter evolutivo da língua no início do século XX, somente a partir de 1960 a Sociolinguística começa a “tomar forma” como disciplina específica, a partir das ideias de William Labov, surgindo como uma reação às ideias estruturalistas (difundidas por Saussure) e gerativistas (difundidas por Chomsky), sendo estas, correntes que desconsideravam os fatores histórico-sociais no estudo dos fenômenos linguísticos. Entretanto, é válido ressaltar que, a partir da Sociolinguística Laboviana foi desconstruída a concepção de homogeneidade da língua.

Uma vez que a área de estudo da ciência da linguagem busca compreender os aspectos relacionados ao uso da língua no contexto social, é de fundamental relevância que a busca alcance todos os níveis possíveis de sua aplicação. Dito isso, direciona-se a discussão para a análise da relação da Sociolinguística com as manifestações da língua portuguesa na fala e na escrita.

Neste contexto, a partir da segunda metade do século XX, os estudos sociolinguísticos começaram a analisar as relações entre fala e escrita, a princípio como atividades dicotômicas e, mais recentemente, como “atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais” (MARCUSCHI, 2001, p. 16), tendo como principal campo de estudo o ambiente em que, supostamente, essas relações mais se concretizam: a escola.

### **2.1. Explicando a Sociolinguística Variacionista**

A existência de variedades linguísticas na língua portuguesa é um fato incontestável, bem como o seu impacto no processo de ensino e aprendizagem. O estudo desse tema conduz para uma série de ramificações e concepções presentes em um campo maior de discussão, mas limita-se apenas no presente tópico o que diz respeito aos recursos variacionais em diferentes níveis linguísticos, que serão detalhadas no tópico *Identificação e análise das variações*.

Dentro da Sociolinguística, existem diversas vertentes, e a Teoria da Variação é uma delas, cujo propósito está voltado para o estudo da língua em seu contexto social e, conseqüentemente, para a classificação e descrição de seus fenômenos variáveis, considerando-a como sistema heterogêneo e, também, evolutivo. “Trata do papel da escrita e da fala sob o ponto de vista dos processos educacionais e faz propostas específicas a respeito do tratamento da variação na relação entre padrão e não padrão linguístico nos contextos de ensino formal” (MARCUSCHI, 2001, p. 31). Assim, refere-se ao estudo da adequação linguística no contexto da comunicação, em diferentes situações comunicativas.

Coelho (2010, p. 22) afirma que “como o sistema linguístico é heterogêneo, (i) a variação é uma propriedade regular do sistema; (ii) o falante tem competência linguística para lidar com regras variáveis”, sendo, portanto, organizado. É o que alguns pesquisadores como Stella Maris Bortoni-Ricardo e Marcos Bagno vêm tentando esclarecer em suas discussões. Segundo esse último teórico, que em sua obra “Preconceito linguístico: o que é, como se faz” (2001) tem convidado as pessoas a reavaliarem a noção de “erro” ao que, geralmente, configura apenas um desvio da ortografia oficial, “usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade.” (BAGNO, 2001, p. 130), pois, especialmente no âmbito escolar, é comum a sobreposição da variedade padrão em relação à variedade não padrão da língua, de modo que essa concepção de “erro” seja também atribuída à ocorrência de variações.

O embate entre as normas que determinam ou fundamentam a escrita em Língua Portuguesa no Brasil e os usos correntes do português brasileiro na oralidade justificam a complexidade das discussões acerca da existência das variedades linguísticas praticadas nas diversas regiões do país. Além disso, configura-se como fator determinante para a existência de preconceitos linguísticos dentro e fora do âmbito escolar que,

embora não seja o foco de discussão deste texto, não pode deixar de ser observada pelo fato de ser uma consequência, desse tipo de variação que impacta diretamente no processo de ensino e aprendizagem.

De antemão, vale ressaltar que as noções acerca do que vem a ser “certo” ou “errado” no uso da língua têm como ponto de apoio a variedade culta ensinada na escola, resultando em uma classificação extremista, porém muito difundida nos estudos sociolinguísticos: variedade padrão e variedade não padrão. Sobre a terminologia adotada, existe uma discordância entre alguns autores. Embora já tenha referenciado de tal forma em algumas produções, Bortoni-Ricardo, por exemplo, evita a terminologia tradicional passando a chamá-las de “contínuos”, por acreditar, entre outras razões, que “carrega uma forte dose de preconceito” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52). No entanto, para o presente texto, serão mantidas aquelas adotadas pelos autores, à medida que forem citados, sendo uma ou outra.

Historicamente um fator de ascensão social e, portanto, de poder, a língua escrita e as normas de aplicação são caracterizadas como padrão absoluto e correto de uso, de modo que aqueles que as dominam constituem um grupo socialmente privilegiado, pressupondo a existência de um grupo não privilegiado pela falta de domínio, marginalizado linguisticamente. Dessa forma, essa imposição linguística configura-se como um fator de exclusão social, visto que desconsidera a língua como elemento cuja existência e uso independem da divisão de classes (Cf. CALVET, 2002). Dessa forma, entende-se que as variedades linguísticas devem ser compreendidas como fatos complementares, não excludentes, principalmente no que diz respeito às relações entre língua, educação escolarizada e sociedade.

Na análise das questões relacionadas às variedades linguísticas, Alkimim (2012) sai de um campo geral da discussão para restringi-lo a particularidades das variações existentes na língua portuguesa. A autora afirma que “nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea” (ALKIMIM, 2012, p. 35), e o faz citando diversos exemplos que reforçam essa teoria e tratam da relativização histórica entre o que considera certo/errado na língua, da adequação linguística de um mesmo falante, a depender da situação de fala, da variação geográfica e da variação social.

Na área das Letras, cujo objeto de estudo é a linguagem, desmistificar a ideia de superioridade de uma determinada variedade linguística

sobre outras é fundamental e imprescindível. Assim, além de romper com a forma enraizada com que se observam as manifestações linguísticas, principalmente no âmbito escolar, amplia-se a percepção acerca dos preconceitos linguísticos tão presentes na sociedade e tão determinantes na vida daqueles que são alvo.

### **3. A escolha do objeto e dos sujeitos da pesquisa**

A língua apresenta diferentes níveis de expressão que variam entre os graus de formalidade e informalidade, pontos em que atuam as variedades padrão e não padrão e suas consequentes variações. Com base nesse pressuposto, neste trabalho, confrontam-se algumas teorias discutidas ao longo da disciplina “Sociolinguística, Educação e Ensino” com a realidade vivenciada no âmbito escolar, acreditando ser o espaço ideal de investigação, por permitir diferentes eventos de expressão oral e escrita.

O ponto de partida foi a hipótese de que grande parte do alunado não faz distinção entre o uso das variedades em diferentes eventos de comunicação. Reconhecendo a necessidade de domínio das diversas normas que regem o uso da língua portuguesa e a importância de saber adequá-las nas situações comunicativas, a decisão foi fazer um levantamento das variações linguísticas usadas por dois educandos, identificados na pesquisa como “Aluno 1” e “Aluno 2”, ambos com dezoito anos de idade, para analisar a presença de marcas de oralidade na escrita deles, bem como analisar as variações linguísticas identificadas.

A parte textual foi obtida, primeiramente, durante a aplicação do projeto “*Texto dissertativo-argumentativo no ENEM: o que importa saber sobre o gênero em questão (teoria x prática)*”, detalhado na primeira parte deste trabalho e, posteriormente, por meio da aplicação de um questionário parcialmente escrito. A outra parte do questionário deveria ser respondida oralmente e, para fins de análise, foi usada para atestar a presença e frequência das marcas de oralidade investigadas. Como recurso de transcrição, foi utilizada a plataforma Documentos Google e realizou-se as devidas adequações manualmente.

### **4. Identificação e análise das variações**

A análise das produções obtidas na pesquisa de campo divide-se em duas partes:

• Análise 1: referente às respostas apresentadas nos questionários 1 (composto de quatro questões objetivas) e 2 (cinco questões subjetivas), com o propósito de identificar o conhecimento e experiências que os sujeitos da pesquisa têm em relação à língua portuguesa e aos temas “variação linguística” e “preconceito linguístico”.

• Análise 2: referente à produção textual extraída do projeto de redação e às produções escritas e orais (transcritas), obtidas por meio das perguntas do questionário 3 (composto apenas de questões discursivas) com o objetivo de descrever parte das experiências deles na vida escolar, em relação às variedades linguísticas, para analisar e descrever as variações linguísticas/marcas de oralidade identificadas nos objetos de estudo, a partir da dimensão interna da língua.

Para fins de objetividade, estão dispostas nas tabelas a seguir as respostas assinaladas pelos entrevistados.

### ANÁLISE 1:

Tabela 1: Questionário 1.

Perguntas	Aluno 1	Aluno 2
1) O que você acha da sua fala em relação à língua portuguesa?	Boa	Muito ruim
2) Os professores ou colegas faziam correções quanto a sua forma de falar?	Às vezes	Quase nunca
3) Como você se sente quando alguém faz uma correção de algo que você falou?	Constrangido/ Envergonhado	Constrangido/ Envergonhado
4) De que modo o preconceito linguístico pode interferir na vida escolar do aluno?	Provoca receio do professor lhe corrigir	Induz à evasão escolar

Org.: Soares; Sousa; Cavalcante (2020).

Como se pode notar pelas respostas apresentadas para a pergunta 1, ambos os entrevistados não consideram ter um nível de excelência no que se refere ao domínio da língua portuguesa, estando, pois, na zona do que poderia se chamar de básica. Fato minimamente intrigante considerando que as perguntas foram respondidas por egressos do ensino médio, pressupondo a ideia de conhecimento das regras de uso.

Além disso, chama a atenção por subentender uma considerável insegurança em sua expressão linguística. Sobre a questão, alguns teóricos atribuem as dificuldades encontradas por falantes, de um modo geral,

ao que foi definido como padrão de uso da língua, um sistema de regras estático que não tem conseguido acompanhar as mudanças linguísticas expressas pelas variedades existentes, tampouco representar aquilo que poderia ser classificado como português brasileiro.

As perguntas 2 e 3 discorrem sobre a prática da correção da fala no âmbito escolar, nas quais é possível notar pelas respostas dos alunos que, embora raramente, é um fato que não os deixa confortáveis quando corrigidos. Ademais, relacionam-se, diretamente, às práticas metodológicas de alguns professores de língua portuguesa, muitas vezes reproduzidas por estudantes, baseadas na concepção que têm de “erro” linguístico para tudo aquilo que foge ao que fora determinado como “certo”, de acordo com a norma culta da língua, “erros” que são, comprovadamente, apenas variações resultantes do contato dialetal em grande parte das ocorrências.

Vale ressaltar que o problema não está em corrigir, mas no princípio de que apenas uma variedade deve ser considerada. Pode-se ensinar a norma tida como “padrão” sem rejeitar as “manifestações da língua que se desviavam do padrão consagrado” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 115), assim dando espaço às variedades linguísticas existentes. A partir de um exemplo ilustrativo, Bagno (2001) faz um importante apontamento sobre como se deve fazer a abordagem docente no processo:

Uma das principais tarefas do professor de língua é conscientizar seu aluno de que a língua é como um grande guarda-roupa, onde é possível encontrar todo tipo de vestimenta. Ninguém vai só de maiô fazer compras num shopping-center, nem vai entrar na praia, num dia de sol quente, usando terno de lã, chapéu de feltro e luvas... (BAGNO, 2001, p. 130)

A questão 4 aborda o que configura um resultado das práticas de correção ou não aceitação mencionadas anteriormente: o preconceito linguístico. Segundo os entrevistados, isso interfere negativamente na vida escolar do educando, porque provoca receio do professor corrigir, o que Ferrarezi Jr. (2014) chama de Pedagogia do Silenciamento – e porque pode induzir à evasão escolar. Considerar o uso apenas da variante socialmente prestigiada, é negar a existência de variedades linguísticas, bem como rejeitar a identidade social daqueles que não a detém.

Quando questionados (Questionário 2) se já sofreram algum tipo de preconceito linguístico, os alunos entrevistados divergiram em suas respostas:

Tabela 2: Questionário 2.

<b>Aluno 1</b>	“ <b>Não mais eu fui sempre envergonhado ao apresentar para minha classe.</b> ”
<b>Aluno 2</b>	“Sim. O preconceito que sofri foi <i>pele de mim troca</i> o R pelo L em uma sala de aula <i>foi</i> corrigida e ali <i>mim</i> senti para baixo porque para mim era normal [...]”

Org.: Soares; Sousa; Cavalcante (2020).

Aparentemente, o Aluno 1 não parece ter compreendido o que é preconceito linguístico não deixando claro se sua vergonha em se expressar para a classe é resultado do silenciamento, antes mencionado, ou apenas timidez. O Aluno 2 explicita a situação em que sofrera preconceito por um desvio fonético.

Sobre o que entendem por variação linguística, ambos parecem saber do que se trata:

Tabela 3: Questionário 2.

<b>Aluno 1</b>	“ <b>em teterminada região tem a sua cultura e seu modo de fala e eaí que tem as suas variação</b> ”.
<b>Aluno 2</b>	“ <i>Entedopelo</i> as avaliações de sotaques, ou seja, diferente forma de falar.”

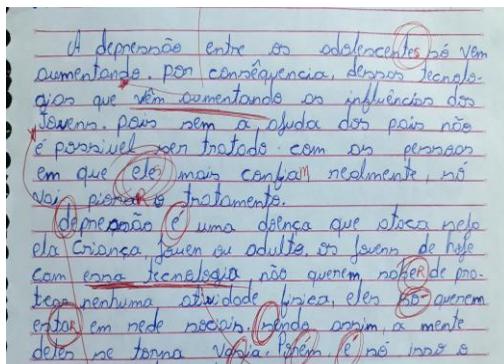
Org.: Soares; Sousa; Cavalcante (2020).

Diversos outros aspectos que representam “erros”, de acordo com a variedade padrão ou “variações” conforme a Sociolinguística Educacional, poderiam ser observados nas transcrições, porém, não serão feitos porque exigiria uma discussão mais aprofundada que vai além dos objetivos estabelecidos. Cabe salientar que foram selecionadas apenas duas das cinco perguntas feitas aos estudantes dada à pertinência de suas discussões.

## ANÁLISE 2:

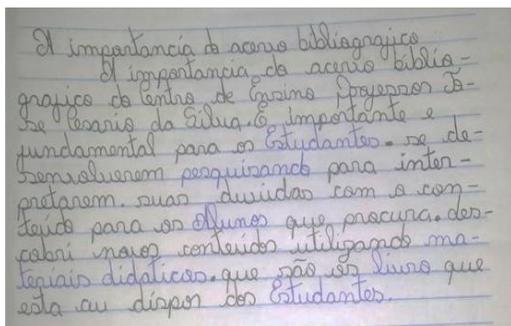
Os textos produzidos são frutos da primeira etapa do projeto descrito na parte inicial deste artigo, que buscava diagnosticar o nível de escrita e foram identificados como Aluno 1 e Aluno 2. Na referida atividade, foram propostos dois temas (um universal e outro local), para que os estudantes escolhessem apenas um e dissertassem livremente sobre ele. Abaixo encontram-se os textos originais para fins de análise.

Figura 1: Texto do Aluno 1 – “Como prevenir e combater a depressão entre adolescentes”.



Fonte: texto produzido pelo aluno.

Figura 2: Texto produzido pelo Aluno 2 – “A importância do acervo bibliográfico da escola”.



Fonte: texto produzido pelo aluno.

O Quadro 3 compreende trechos das respostas dadas para as questões orais que são parte do questionário semiestruturado aplicado após o projeto.

Quadro 3: Transcrição da entrevista oral feita aos alunos.

Questões	Respostas	
	Aluno 1	Aluno 2
<b>1) Apresentação (incluindo origem – se tiver irmãos, dizer qual a ordem de nascimento, formação, ocupação).</b>	[...] é <i>tudin</i> é daqui... não! meu pai <i>vêi</i> lá do Ceará e a mãe de Caxias e <i>formaru</i> uma família aqui em Açailândia.	[...] porque ela tinha que morar na casa da tia <i>pá</i> <i>podê</i> trabalhar <i>pá</i> <i>podê</i> estudar e trabalhar também <i>aí</i> não tinha como ela deixar minha vó com cinco

		<i>fii</i> e trabalho na roça ela teve que cuidar da casa e dos cinco <i>fii</i> da vó pá voltar para poder trabalhar na roça aí então ela optou <i>pá</i> ficar em casa cuidando <i>dusirmão</i> do que estudar [...].
2) Fale um pouco sobre o nível de escolaridade dos seus pais e avós ou responsáveis pela sua criação (informe o tipo e contexto da escola, que cada um deles frequentou, o grau de escolarização e que percepção eles têm da escola.)	[...] o nível de escolaridade dos meus pais são muito <i>baxo</i> . Minha mãe fez <i>téo</i> sexto ano e meu pai <i>téo</i> quarto [...]o que minha mãe sabe é assim de muito importante <i>pra</i> mim, ela <i>tá</i> ...do meu vò, ela <i>tá</i> passando <i>pranois</i> .	[...]eu ia para <i>mim</i> terminar, colocar em alguma faculdade eu não tenho foco ainda eu ainda <i>vô</i> me adaptar, ver qual é o ramo que eu quero seguir [...].
3) Fale novamente sobre o seguinte tema já dissertado por você durante o projeto “Texto dissertativo-argumentativo no Enem: o que importa saber sobre o gênero em questão (Teoria x Prática).	Hoje em dia <i>os adolescente</i> tem uma ferramenta que... que eu acho que <i>eles usa</i> frequentemente e acho que...que a metade da vida dele, eu acho, que vai ser <i>né</i> é o celular, as redes sociais [...].	[...]mas já assistiu um filme <i>né</i> daqui até a parte assistia um filme sobre o livro e assim ia internet, na internet. A gente de vez em quando tinha o apoio, a gente pesquisava <i>simnumvô</i> dizer que não a gente pesquisava sim que a pedia <i>pu</i> diretor autorização e <i>atpá</i> pá sala, pá sala, pesquisava e assim ia.

Org.: Soares, Sousa e Cavalcante (2020).

Por questões relacionadas à monitoração linguística em situações formais/informais, variações de menor prestígio são menos prováveis de ocorrência em textos escritos por se tratar de um discurso mais elaborado. A título de exemplo, pode se tomar o seguinte trecho extraído do texto que consta na figura 1, da análise 2:

Aluno 1: **Por consequência dessas tecnologias que vêm aumentando as influências dos jovens...**

As marcações do plural ocorrem perfeitamente, enquanto na expressão oral transcrita (Quadro 3 / Questão 2/ Aluno 1), o sujeito elaborou construções como “o nível de escolaridade dos meus pais são muito” e “eles usa”, que expressam variação quanto à concordância verbo-nominal e “os adolescente”, que expressa variação na concordância nominal devido à eliminação das marcas do plural. É um fenômeno comum

na linguagem coloquial, que pode ser percebido, também, em situações formais de escrita, como o presente na passagem do texto da figura 1 produzido pelo Aluno 1 (“os adolescente só vem aumentando”) e do texto da figura 2 produzido pelo Aluno 2 (“os alunos que procura” / “que são os livro que esta au dispor”).

Segundo Marcuschi (2001, p. 10), esse fenômeno acontece porque “o formato de nossas atividades linguísticas varia muito a depender dos contextos, dos interactantes, das necessidades e da sociedade em que as atividades são realizadas”. Exemplos assim só atestam a existência de variedades linguísticas em sala de aula em situações formais de uso.

Quanto à dimensão interna da língua, além dessas variações, foram identificadas algumas outras, principalmente no nível da variação fonológica:

- a) Apócope: percebe-se uma forte presença da variação fonológica, caracterizada pelo desaparecimento de fonema(s) no final do vocábulo. Nas produções analisadas, o fenômeno manifesta-se nas palavras *vêi* (veio), com a supressão do fonema /o/ e *formaru* (formaram) com a supressão dos fonemas /a/ e /m/. O último vocábulo também entra na regra de desnasalização devido à transformação de um fonema nasal em oral.
- b) Síncope: consiste na perda de fonema(s) no interior da palavra, como, por exemplo, em *pra/pá* (para) com a queda do fonema /a/. Essa redução da sílaba é um traço muito comum da oralidade que pode ocorrer na escrita formal por desconhecimento do falante sobre a adequação em relação aos domínios de uso.
- c) Despalatização: caracterizada pela transformação de fonema(s) palatais em um nasal ou oral. Como acontece com os vocábulos *fii* (filho) por causa da perda da palatização de <lh> *etudin* (todinho) por conta da queda de <nh>. No primeiro caso, ocorre ainda a evolução de um som para a vogal /i/, fenômeno denominado iotacismo.
- d) Alçamento: foram identificadas nas produções orais as palavras *dos* (dos) e *tudin* (todinho). Essa ocorrência em que a vogal átona /o/ é elevada para /u/ é justificada, muitas vezes, pelo pouco contato com as convenções da língua escrita, de modo que acabam escrevendo essas vogais como pronunciam, como acontece, por exemplo, no texto da figura 2 com a escrita do termo *au* (ao).

- e) Aférese: caracteriza-se pela supressão de fonemas no início do vocábulo; processo de mudança linguística que originou termos como enamorar > namorar – abodega > bodega. Nos textos analisados, foram identificados os vocábulos *té* (até) e *tá* (está).
- f) Monotongação: transformação do ditongo /ai/ em uma vogal /a/ como pode-se notar em *baxo* (baixo), variação expressa pelo Aluno 1, na questão 2 do quadro 3, e em *vô* (vou), forma expressa pelo Aluno 2, na questão 3 do quadro 3. Fenômenos desse tipo acentuam a ideia de que existe uma regularidade (intuitiva), que justifica a existência de variações. Não se trata, portanto, de um processo aleatório. Sobre esse fenômeno, por exemplo, Bortoni-Ricardo (2004, p. 54) afirma que “os ditongos *ei* e *ai*, seguidos dos fonemas /r/, /n/, /j/ e /x/, tendem a ser reduzidos, tornando-se vogais simples /e/ e /a/”, não aplicável diante de /t/, por exemplo em vocábulos como *direito*, *peito*, *jeito*, entre outros.
- g) Supressão do /r/ pós-vocálico: como ocorre em *podê* (poder). Trata-se de uma variação morfofonológica devido à supressão de /r/ que representa um fonema, mas também um morfema. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 85), “(...) em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais. (...) O falante da língua, quando suprime um /r/ em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse /r/”, o que acentua a ideia de existência de um padrão dentro da manifestação das variações linguísticas. Essa marca de oralidade pode ser percebida também na expressão escrita dos participantes da pesquisa por utilizarem formas como *piora* (piorar) no texto 1 e *descobri* (descobrir) no texto 2.
- h) Marcadores conversacionais: nos textos foram identificadas as formas *né* e *ai*. Característicos de situações de fala informal, ambos foram usados com o objetivo de dar sequenciação ao discurso.

Considerando as produções orais e escritas analisadas, é importante observar ainda alguns pontos que causam ou deveriam causar preocupações acerca do papel da escola quanto à educação formal. Embora a pesquisa tenha sido realizada com apenas dois participantes, acredita-se que eles representam um grupo maior de alunos na mesma situação em todo o país. São concludentes do ensino médio, porém, apresentam dificuldades de expressão tanto na fala quanto na escrita (vocabulário limitado com sérios desvios ortográficos), fato que reflete a falta de domínio da

variação padrão da língua, além de aparentemente não conseguirem distinguir situações de uso da linguagem formal e informal.

##### **5. As contribuições da sociolinguística para o ensino de língua portuguesa**

A área da Sociolinguística tem muito a contribuir para a quebra de barreiras linguísticas que, a princípio, podem não parecer tão sérias e determinantes, mas que são refletidas e vivenciadas dentro e fora da escola. Em relação ao ensino da Língua Portuguesa, se mostra de fundamental relevância, pois expande e flexibiliza o olhar docente sobre questões relacionadas à limitação linguística e cultural de cada aluno. Entre educadores, especialmente em cursos de formação que tem como objeto de estudo a língua, essa discussão torna-se ainda mais imprescindível, porque o contato direto com o estudo promove o risco de fazer abordagens metodológicas equivocadas com possibilidade de serem perpetuadas por aqueles que a vivenciam.

A sensibilidade para com o outro (no caso, o aluno) ocorre natural e paralelamente ao aprofundamento de estudos sociolinguísticos. Na prática, sua maior contribuição está no direcionamento dado no trabalho da língua portuguesa; o foco, que antes limitava-se ao estudo de particularidades de um recorte específico do idioma (gramática normativa), dá lugar à percepção das necessidades linguísticas e extralinguísticas do público discente, o que significa dizer que o ensino deve ser motivado a partir de suas limitações e não promover entraves por meio de um ensino que desconsidera a realidade sociolinguística.

Por conta de todas as percepções aqui apresentadas e por entender que é papel da escola orientar seu alunado quanto às diferentes situações de expressão comunicativa, o presente trabalho sugere o desenvolvimento e aplicação de atividades que busquem o confronto das variedades padrão e não padrão da língua portuguesa sem sobrepor uma à outra. Acredita-se que a alternância de estilo monitorado com estilo não monitorado pode favorecer, sobretudo, a aceitação dos fenômenos linguísticos compreendidos, muitas vezes, erroneamente dentro do próprio âmbito escolar.

Propõe-se, como uma das estratégias para se trabalhar a língua, a inclusão de rodas de conversa nos planos de ensino, como atividade a ser desenvolvida em todo o ano e intercaladas mensalmente. Se possível,

cada roda poderá ficar sob o direcionamento de dois ou três alunos. O gênero em questão possibilita a alternância de estilos, visto que a temática discutida ficará a critério do professor, podendo fazer uso de textos de variados tipos, desde produções sugeridas nos manuais didáticos a produções realizadas pelos próprios estudantes. Além disso, os responsáveis pelo desenvolvimento de cada roda de conversa deverão fazer isso de modo planejado e cada um dos demais participantes poderá ter o seu momento espontâneo de fala para expressar sua opinião acerca da discussão. Caberá ao professor fazer a condução e observações necessárias dentro de todo o processo.

## **6. Considerações finais**

Diante do que foi exposto, fica evidente que muitas formas escritas são também influenciadas pelas marcas de oralidade do falante, confirmando a hipótese aqui levantada de que parte dos alunos não fazem distinção entre o uso das variedades em diferentes eventos de comunicação. Isso porque, segundo Marcuschi (2001, p. 9), “em certos casos, as proximidades entre fala e escrita são tão estreitas que parece haver uma mescla, quase uma fusão de ambas, numa sobreposição bastante grande tanto nas estratégias textuais como nos contextos de realização”. O que significa dizer que é perfeitamente possível a manifestação dessas variações, a depender do grau de escolaridade, situações de expressão, falta de orientação quanto à necessidade de adequação e desconhecimento das regras de uso formal da língua.

Além disso, percebe-se que muitos “problemas” relacionados a aspectos linguísticos, por vezes atribuídos aos falantes de língua portuguesa, são também parte de um sistema inflexível e normatizador, que não possibilita um bom olhar sobre a língua e seus fenômenos. Nesse sentido, considerando seu caráter formador, a escola precisa repensar constantemente a sua função social dentro do processo de formação na desconstrução de barreiras linguísticas que camuflam problemas educacionais maiores e que são convencionadas por uma pequena parcela da sociedade e perpetuadas por um tradicionalismo pedagógico que desconsidera a importância daqueles que são parte primordial no fazer linguístico: os falantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKIMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, volume 1. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. *Não é errado falar assim: em defesa do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_; ROCHA, Maria do Rosário. O ensino de português e a variação linguística em sala de aula. In: MARTINS, M.A; VIEIRA, S.R; TAVARES, M.A (orgs). *Ensino de Português e Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf). Acesso em: 06 jan 2020.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: UFSC, 2010.

\_\_\_\_\_. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

FERRAREZI JR., Celso. *Pedagogia do Silenciamento: a escola brasileira e o ensino de língua materna*. São Paulo: Parábola, 2014.

MARCUSCHI, LUIZ Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PLATAFORMA GOOGLE DOCUMENTOS, 2020. Disponível em: [https://docs.google.com/document/d/1jjjUnvWDrwntie\\_kAc5X4wxMGnrIFmusYkBd38lkHAE/edit](https://docs.google.com/document/d/1jjjUnvWDrwntie_kAc5X4wxMGnrIFmusYkBd38lkHAE/edit). Acesso em: 23 jan 2020.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Contexto, 2017.